

---

## O VERDE VAGOMUNDO DE BENEDICTO MONTEIRO

---

Giovanni Ricciardi\*

---

### RESUMO

Recuperação, através de entrevista com o autor de *Verde Vagomundo*, da relação texto-contexto, com ênfase na linguagem "amazônica" e destaque para a palavra "verde".

---

Vivo agora uma agonia:  
quando ando nas calçadas de Copacabana  
penso sempre que vai cair um troço na minha cabeça.

(Colapso concreto de Charles)

Para alguns, o "troço na cabeça" foi duro e cruel; para outros, "o golpe e suas conseqüências" até que produziu algum resultado "positivo". É o caso de Oswaldo França Júnior, oficial piloto da Aeronáutica. Acusado de subversivo, expulso, tornou-se o autor de *Jorge, um brasileiro*. É o caso de Benedicto Monteiro, escritor interessante no panorama das Letras nacionais, escritor obrigatório naquele das Letras regionais, autor de *Verde Vagomundo* (1972), *O carro dos milagres* (contos, 1974), *O minossauro* (1975), *Terceira margem* (1983), *Aquele um* (1985), etc.

Eis alguns trechos de seu auto-retrato:

*Nasci em Alenquer em 1.º/03/24, Estado do Pará, Brasil. A cidade fica na beira de um igarapé afluente do Rio Amazonas, e situa-se a meio caminho entre Belém e Manaus. Está a cerca de 800 quilômetros distante das duas capitais. Fica, portanto, no coração da Amazônia, na margem esquerda do Rio-Mar. Só se pode chegar lá por navio ou avião. Passei nela, e nas várzeas do município, toda a minha infância. O ambiente é o mesmo que tanto descrevo em meus romances, dos quais ela é sempre uma grande personagem.*

---

\* Professor de Literatura Brasileira na Universidade de Bari-Itália.

*Comecei a ler e escrever no internato do Colégio Nossa Senhora de Nazaré, dos Irmãos Maristas, em Belém.*

*Meu primeiro livro publicado é um livro de poesia – *Bandeira branca* –, editado no Rio de Janeiro quando era ainda capital do Brasil. Publiquei-o aos dezoito anos e só fui continuar a escrever literatura a partir dos quarenta anos.*

*Todos os meus livros de ficção surgiram a partir da linguagem. Antes de 1964, estava pesquisando a linguagem da Amazônia, e estava projetando escrever uma tese de Linguística, para fazer o Mestrado na Universidade.*

*Durante muitos anos, pesquisei e colecionei centenas de conversas no interior do Pará. Gravei dezenas de fitas e fiz centenas de fichas contendo esse material. Com o golpe de Estado, em 64, minha casa foi invadida e minha biblioteca saqueada pelos militares e pela polícia. Entre livros, documentos e escritos, os militares levaram todo o material pesquisado. Como não pude recuperar esse acervo, acabei utilizando o que me restava na memória, pois para recriar uma linguagem típica da nossa região amazônica, os meus romances, os meus contos e os seus personagens, são criados e recriados a partir dessa linguagem.*

*Eu tinha uma relação muito intensa com a palavra...  
A palavra é a minha matéria-prima.*

“A palavra é a minha matéria-prima”, diz Benedicto Monteiro. É verdade. A sua é, com efeito, uma vocação muito forte e definitiva de *filólogo do “corpus amazônico”*.

Um trabalho atento de catalogação, o dele, uma didática inteligente de preservação, um esforço feliz de documentação e acumulação, antes que seja tarde, que me faz lembrar, por contraste, o *incipit* de *Cem anos de solidão*. Mas se em Macondo “o mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo”, em Alenquer, cidade natal de Benedicto Monteiro e epicentro das andanças do protagonista de seus romances, é preciso, ao contrário, nomear para não esquecer, ou, como diz o autor, é preciso “Reconstruir ou reconstruir este mundo a partir das palavras.” (M, p. 162).

Por que se torna necessária essa tarefa de “refundação”? Porque aqui, na Amazônia, diz Benedicto Monteiro, chegaram palavras, *slogans*, frases feitas que têm violado a humanidade (M, p. 161, 162). E continuam chegando. “Chegam impressas e irradiadas, mas com suficiente violência para mutilar as formas e sugar a seiva das coisas vivas” (M, p. 162). Uma “invasão” de palavras,

portanto, que demanda palavras *novas*, porque as que temos são “palavras já coisificadas, plastificadas...” (M, p. 173).

Daí a exigência de inventar e compilar listas de palavras novas, de “palavras-duplas como as estrelas”, de palavras camaleônicas:

*Verde! Milhares de tons verdes: verde-cinza, verde-mar, verde-mata, verde-chão, verde-terra, verde-barro, verde-curva, verde-reta, verde-plano, verde-margem, verde-campo, verde-capim, verde-azul, verde-luz, [...], verde-horizonte, verde-verde, verde-distância. Principalmente verde-distância.*

(VVM, p. 18).

Nesta e noutras listas disseminadas nos romances, percebo não tanto a assepsia classificatória de um Lineu quanto a alegria de quem tem inventado palavras novas e saborosas. Manoel de Barros, um poeta que pouco a pouco está conquistando os primeiros lugares da lista, com Mário Quintana e João Cabral, escrevia-me:

*Depois que uso uma palavra nova, ela me beija.  
Quer dizer que gostou de mim. Eu sou de bem com as palavras  
que uso, porque elas me são <sup>2</sup>.*

Parece-me que se pode dizer o mesmo de Benedicto Monteiro: “As palavras novas o beijam e são de bem com ele”.

Da mesma vontade de “reconstruir ou reconstituir” deriva aquela técnica, aquela sagacidade intencional, pela qual, quando cita uma árvore, um fruto, um peixe, imediatamente aproveita o ensejo para “nomear”, catalogar e descrever outras árvores, outros frutos, outros peixes. Antes que tudo acabe. Assim, por exemplo, a pesquisa de Miguel dos Santos Prazeres, o protagonista, sobre o “filhote” de uma árvore forte e rígida, que a ele se assemelhasse, para transplantar junto à própria casa e deixar como lembrança à família, antes de se perder naquele *Vagomundo*, é uma boa ocasião para apresentar algumas daquelas árvores majestosas que vivificam a floresta: além do pau-mulato, a árvore escolhida, eis o taperabá, o catuari, o taxizeiro, a embaúba, o mari-sarro, a sapucaia, o castanheiro... (VV, p. 87-92). Ou ainda, quando, falando no *matupá*, faz de tudo para dizer o que ele é e em que ele consiste:

*O senhor sabe o que é o matupá, não é, seu Major?  
Monte de capim, canarana, premembeca, mureru,  
mururé, traças de musgos, folhas de cipó lama limo,  
lama, juncos, ervas, relvas e raízes.*

(VVM, p. 104)

Benedicto Monteiro não é mais um filólogo, É um romancista que tem que inverter uma técnica e um estilo. E o faz lindamente.

Depois das primeiras 80 páginas de *Verde Vagomundo*, algo indecisas e por certo propedêuticas – um major da Aeronáutica, que tinha combatido na Itália, volta a Alenquer para vender as propriedades herdadas – Benedicto Monteiro encontra o segredo, a chave narrativa de toda a sua produção: a *oralidade*. O contar plástica e diretamente os acontecimentos através da voz e da força primitiva de Miguel dos Santos Prazeres, chamado Cabra-da- peste e/ou Afilhado-do-diabo: um puro caboclo amazonense, pau-pra-toda-obra (VVM, p. 86), atento conhecedor da floresta e dos cursos d'água (VVM, p. 87); às vezes sonhador terno e menino:

*Falava com as árvores como velhas conhecidas.*

(VVM, p. 87)

*Hoje eu não quis caçar, estava só olhando o mato.*

(idem)

Miguel dos Santos Prazeres: um *cantador* popular e eficaz à *la manière de* os cantadores nordestinos, à *la manière de* a Velha Totonha, protagonista ele mesmo daquele ABC amazônico que é a obra de Benedicto Monteiro.

Uma verificação da validade dessa escolha? Todas as vezes que o escritor abandona o ambiente amazônico ou toma da palavra no lugar do Cabra-da- peste, comete grandes escorregões e leva até alguns tombos, como de resto ele mesmo reconheceu no posfácio de *Aquele um*. Refiro-me às páginas que discutem assuntos políticos, sociais e econômicos do contexto brasileiro ou amazônico, ainda que pudicamente postos sob a rubrica “Radio-transmissor” em *Verde Vagomundo*, ou distribuídos nos andares da torre drummondiana em *O Minossauro*, e refiro-me também ao conto “O sinal”, de *O carro dos milagres*.

Para Miguel dos Santos Prazeres, como para os camponeses, a natureza é a primeira e a verdadeira mestra:

*A madrugada chegou e me ensinou: como o negro se transforma em verde; como o vermelho se compõe em branco; e como o branco se desfaz em vento.*

(VVM, p. 17)

Caboclo ideal e exemplar, Miguel dos Santos Prazeres pensa, fala e vive *amazonicamente*, em forte comunhão com a natureza. As palavras, os ditos, as metáforas, as imagens do cotidiano evocam a floresta e os rios.

*Viajei noites e noites, águas e águas, rios e rios, lagos e lagos.*

(VVM, p. 25)

*Água encheu, maré vazou, água levou, caminho se perdeu, tudo acabou.*

(idem)

*Matar duas capivaras com uma paulada.*

(AU, p. 168)

*...O riso franco boiando pela boca.*

(idem, p. 158)

Como um personagem de lendas ou um animal mimético, transforma-se e adapta-se ao ambiente:

*Na mata: feito camaleão misturado na folhagem. No rio: feito água, feito peixe, feito sombra virado num encante.*

(VVM, p. 119)

*Eu era quase um peixe dentro d'água, uma árvore crescendo da terra úmida ou um pássaro voando livremente...*

(AU, p. 153)

A natureza é-lhe mestra e também amante. Quando vai fazer o último filho, adentra-se na floresta à procura de uma índia: "... eu senti vontade de emprenhar a natureza" (AU, p. 211). E a natureza entra-lhe no corpo: "os verdes entravam no meu corpo, subiam pelas pernas e fechavam o céu por cima de minha cabeça" (AU, p. 212).

Do caboclo exemplar e ideal, Miguel dos Santos Prazeres tem as habilidades e os conhecimentos, os medos e as visões, o hábito da solidão e das distâncias. As páginas – às vezes, verdadeiras páginas antológicas – constituem e desenham um exaustivo corte na vida amazônica. Parece que o autor quer que nada lhe fuja; nada quer deixar de lado daquele *Vagomundo*: a festa do padroeiro Santo Antônio, que imita a do Círio de Belém; os fogos de artifício de que é mestre Cabrada-pestre; o jogo das enchentes e das ressacas, que escondem a história de Alenquer; as obras e os trabalhos sazonais e a recolha das drogas do sertão; o gosto e a

necessidade da caça e da pesca; as aparições e os fantasmas que povoam os rios e a florestas:

*Um bicho ou era aparição de alma? Boto-encantado ou cobra-grande? Matita-pereira, jurupari-turaca?*

(M, p. 25)

O narrar é tão ligeiro que alcança freqüentemente êxitos altos e intensos, como, apenas para exemplificar, no final de *A Terceira margem e Aquele um*, contemplativo e religioso, quase uma ascensão que me faz lembrar a densa escritura contrapontística do último movimento da Sinfonia n.º 3 em Ré Menor de Gustav Mahler, o *Lento. Molto tranquillo intenso*, quando, depois de uma tempestade grande e portadora de lutos, Miguel dos Santos Prazeres encontra-se, sozinho, na água imensa com uma canoa. O rio tinha se tornado lago. As duas margens estavam longe, “além do horizonte” (AU, p. 219):

*Tudo era espaço e tempo vago. Verde e vago. Verde vagomundo. Foi aí que eu me perdi na pura claridade. Era quase claridade do verde, da água, da noite e do silêncio. Pensei que era a morte, que eu estava morto. Pensei que eu estava bem no fundo. Mas nesse mesmo instante, nesse justo e exato momento, foi que a água e o céu se abriram e surgiu uma praia branca. Muito branca. Todos os verdes e todas as cores se resumiram naquela praia. E não tinha princípio nem fim: era uma distância. Era quase também uma margem... mas uma outra margem...*

(AU, p. 220)

A volta à natureza é consumada.

Esta a Amazônia ideal, desejada e recriada pelos olhos apaixonados de Miguel dos Santos Prazeres e de Benedicto Monteiro. A Amazônia metáfora de uma grande urgência, a de recuperar, voltando às origens, à própria terra um estado de inocência e de liberdade, necessário depois daquele “troço na cabeça” que violou a palavra de Benedicto Monteiro e de muitos brasileiros; a urgência ainda de recuperar e preservar uma região que a voracidade do poder econômico está destruindo. Incendiar, abater aquelas árvores gigantescas que, diz uma lenda indígena, “sustentam o céu”, é, afirma Cabra-da- peste, uma verdadeira “desnatureza” (AU, p. 191).

## RIASSUNTO

Ricupero, per mezzo di intervista com l'autore de *Verde Vagomundo*, della relazione testo-contesto dando enfase al linguaggio "amazzone" e distacco alla parola "verde".

## NOTAS

1. Entrevista ao Autor. Veja-se também o meu *Escrever* (Bari, Libreria Universitaria, 1988), pp. 105-108.
2. RICCIARDI, Giovanni. *Auto-retratos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 96-97.

## SIGLAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Bandeira branca.** Ed. do Autor, 1945 (poesias).

**Verde vagomundo.** Rio de Janeiro: Gernasa, 1974, 2.ed. [1ª, 1972], [VVM] (romance).

**O carro dos milagres.** Rio de Janeiro: PLG/Comunicação-Nova Cultura. 1974 (contos).

**Minossauro.** Rio de Janeiro: A Nova Cultura, 1975 (romance). [M]

**A terceira margem.** Rio de Janeiro: Marco Zero-PLG Comunicação, 1985.

**Aquele um.** Rio de Janeiro: Marco Zero-PLG Comunicação, 1985.

**O cancionero do Dalcídio.** Rio de Janeiro: PLG Comunicação/Belém, Falangola Editora, 1985.